

HIGOR BENÍZIO

MALDITO PADRE!



MINNA







Copyright© 2026, Higor Benício. Copyright© 2026 Basílio Kaliel Baran.
Copyright© 2026 Wendell Araújo. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser reproduzida por quaisquer meios, salvo em breves
citações e com a indicação da fonte.

Revisão, diagramação e capa

Thatyane Furtado

Artes

Eclipse total do coração, de Wendell Araújo
A Crowd of Lapwings, de Robinson, Charles

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B467m

Benício, Higor

Maldito padre! / Higor Benício. 1ª ed. Santana, AP: Editora
Minna, 2026.

166 p.; 14 x 21 cm.

ISBN xx

1. Ficção e contos brasileiros. I. Benício, Higor. II. Título.

CDD B869.3

CDU 82-31(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção e contos brasileiros: B869.3



MINNA

Editora Minna

www.minnaeditora.com.br
contato@minnaeditora.com.br



MALDITO PADRE!.....	9
O QUE ME MANTÉM VIVO.....	11
NEM VAI DOER.....	19
BATE-BOLA.....	27
NA LAMA DO DIA SEGUINTE.....	33
LIMÃO E SANGUE.....	39
SENDA DE ROSAS.....	45
PARALELAS.....	53
BALADA PARA JÚLIA.....	61
É FODA.....	65
POTE DE MANTEIGA.....	71
O ESTRANHO SEM NOME.....	77
FERNANDO ERA PESSOA.....	93
TUM! TUM!.....	97
BÍTER.....	107
BODAS DE OURO.....	115
FOGO.....	125
A COISA E O ÍMPETO.....	129
O NATAL DOS PERDEDORES.....	133
O PADRE NO XADREZ.....	135
CONTEÚDO EXTRA	
VERTICALIZAÇÃO, DE BASÍLIO KALIEL BARAN.....	153

Tatear no escuro é um sinal de que você ainda não desistiu.



“Os loucos, Mino pensava, eram os
sentinelas da noite do mundo”.

Andante com Morte, Mario Pontes

O QUE ME MANTÉM VIVO

Quando acordo, a primeira coisa que noto é que estou de camisa trocada.

Depois, a cama. Pelo menos a cama é minha.

Levanto e vejo a mulher no sofá. Ela encara meus olhos arregalados e vai logo se defendendo:

— Não fizemos nada, padre. Nada. Nem bêbado você dá uma chance.

Vou até o espelho conferir o estrago e fico ali parado um bom tempo.

— Ei, tá fazendo o que aí? — me pergunta.

— Refletindo.

— Não tem graça.

Ela diz que o Leonardo já vem buscá-la e que comeu alguma coisa na cozinha. Leonardo. Leonardo é um nome ruim. Demônio dos sabás negros, um burocrata do inferno.

— O que eu fiz? — pergunto.

— Encheu a cara lá no bar, ficou doidão.

Mexo na camisa.

— Foi a melhor que achei — ela justifica.

— Do que tá falando?

— Do banho, Raul.

— Banho?

— Você tava todo vomitado, tive que te dar um banho.

— Puta que pariu.

— Relaxa, você se comportou.

— É, me comportei... dá pra ver.

Lá fora a vida segue. Fico pensando em quantas daquelas pessoas possuem imagens do meu vexame dentro da cabeça. Poucas. Estimo o dano a partir daí. Pego o celular, vasculho cada aplicativo potencialmente perigoso. Conversei com pessoas que não queria, se é que posso chamar de conversa o monte de dores mal-escritas, de carências. Começo a arrumar as coisas na mente, busco justificativas, mas não lembro, e isso é péssimo.

— Qual é o seu nome?

— Eu tô acostumada com isso. — Ela fecha a camisa, segura a bolsa e joga o resto de café na pia. — Não ligo mais. Você não me bateu, então, já tô no lucro. E foi bom dormir aqui.

Ela me estende um papelzinho com um número e um nome.

— Jéssica. — Ela lança uma piscadela e começa a ir embora. — Me liga qualquer dia e me leva pra comer num lugar legal. Aí a gente fica quite.

•

Estou sentado no balcão da padaria, o café evaporando perto do meu rosto.

Gêmeas, que não devem ter mais do que seis anos, dividem um pedaço de torta. A cada colherada, os movimentos espelhados se repetem junto com o sorriso de satisfação. O pai está digitando no celular enquanto beberica uma xícara. Tudo parece perfeito e adequado ao meio da manhã. Luana para no intervalo entre as mesas que atende e observa também. Uma, duas, três vezes. Seu rosto diz que quer ter um filho e que poderiam ser gêmeos também, bem assim, perfeitos. A cena tem calor próprio e é dessas que faz a gente ter fé nas pessoas. Fica assim por

bons minutos, até acontecer o imprevisto. Sem mais nem menos, a menina mete a colher no meio da cara da irmã, que começa o berreiro e, não satisfeita, revida jogando o prato em cima da agressora.

O homem esquece a tela, pede pano ou qualquer coisa. Luana corre para ajudar. Tudo indica o sussurro, a tentação repentina e sem explicação sobre pobres crianças inocentes. Outros falam em criação, em repetição. Não acredito em nada disso. Os demônios, os papais e as mães já estão com os ombros cheios demais, por favor. Essa, pelo menos essa, tem de cair na conta das coisas como são.

— Sua benção, padre. — Luana tem uma bandeja na altura dos seios.

— Deus te abençoe. — Encaro as coisas um pouquinho. — Começou bem hoje, né?

Ela suspira.

— Você viu? Do nada criança faz arte, vai entender.

Quando diz *arte*, Luana me enche a cabeça de picuinha sem desconfiar de nada. Arte é muitas vezes a merda que alguém faz, é verdade. Reviro os olhos só de imaginar quantas linhas inúteis além dessas eu poderia preencher com o assunto. Vou poupar nós dois. Amém.

Gustavo puxa a cadeira na minha frente e pede um café.

É um homem desses que inspiraram o estoicismo. Tem sido um bom amigo e um bom homem para Dalila, que é uma boa amiga também. Gustavo me fornece alguns brinquedos e ajuda num pandemônio ou outro.

Sou atormentado por projeções de redenção, começo. Estamos aqui para isso. Nosso segundo tempo depois do bar. Gustavo enfia os dedos entre os poucos cabelos que tem, pronto para ouvir.

As formas variam. Às vezes é um momento catártico num palco, com a banda que se desfez na adolescência — como tudo nesse período pateta —, berrando tudo aquilo que foi imaginado

tantas vezes, e continua sendo. Às vezes é um reencontro, com a primeira dor antiga de ser considerado por uma mulher como uma possibilidade de futuro. Às vezes, é o potencial desperdiçado: poderia ter sido isso ou aquilo. Culpa do violão, do desenho, das letras e, como todo mundo: da bola. Às vezes, um sucessor. Mas ninguém cabe no meu sonho. Daí, depois de mais alguma repetição insistente, o mundo me chama de volta. Sou um padre. Tem uma menina possuída em algum lugar. Lobisomens, sacis, diabretes, cucas, matintas, cocas, sacrifícios, demônios, aparições, lârnias, mula sem cabeça e todo o tipo de merda que você pode imaginar — e outras que felizmente não pode. Estou aqui para isso. Vou lá e meto um murro na cara de um bruxo em Jacarepaguá. Assassino um monstro que em algum lugar foi chamado de Marat. Salvo uma criança de um altar de sacrifício e seus pais me amaldiçoam. Desfaço mais uma maldição. E outros infernos que tenho preguiça de listar. O foda é que nada disso, nada disso me alivia o fardo. Nada disso me livra de me encontrar comigo em cada esquina do travesseiro. Porra nenhuma me tira deste lugar patético entre as orelhas.

— Foda-se — Gustavo xinga depois do meu discurso. — Foda-se — ele repete. — Foda-se, foda-se e foda-se.

Levo um tapa no ombro, no que Gustavo finalmente completa:

— Sabe do que você precisa, Raul? — Pausa dramática, sobranceiras erguidas. — De um *hobby*, ou qualquer merda dessas!

•

Um hobby, é disso que eu preciso.

A noite está fria, muito fria, mas nada que justifique a camada de gelo na janela. A mãe fica alegre ao ouvir que sou eu na porta. Manda entrar e me oferece café. Eduardo, *Dudu*, está com febre baixa, encarando um sono inquieto. Explica que é mãe solteira,

que foi promovida no emprego e que eles podem se mudar dali se *a coisa* estiver impregnada na casa — ela faz o sinal da Santa Cruz e toma um gole do café. Agarra um terço deixado em cima da mesa e fica remexendo o objeto entre as mãos suadas. É supersticiosa, e superstição nunca é bom, desvia o espírito em favor do corpo, coloca a mente no caminho do objeto. O terço não adianta; adianta a fé.

Dudu se revira na cama e geme. Termino meu café, peço que a mulher me deixe sozinho com o garoto, ela estranha, mas concorda. Sai de fininho e se instala com as costas na parede. A porta está aberta e vou deixar assim.

O quarto é pequeno. A única luz vem da mesa de cabeceira, onde repousa um volume amassado de quadrinho japonês. Os móveis são baratos, mas cumprem sua função. Todos limpos, revelam que a mulher não esqueceu a criança. Roupas dobradas, no lugar. Cheiro de ipê, leve e fresco. Um computador. Alguns brinquedos. O lugar apenas não reflete a fé exposta na cozinha. Não vejo nenhum sinal dela, por menor que seja, mas isso também não importa muito. Entre o final do guarda-roupa e o umbral da porta habita uma escuridão que anseia por engolir tudo, por onde a luz parece entrar e sumir no mesmo instante. Tudo se ausenta ali, e logo descubro a razão do frio: dois pontos brancos, como estrelas solitárias, me observam de dentro do breu.

É um encosto, criaturas que seguem os trilhos da inveja, de sentimentos espúrios lançados por pobres almas sobre pobres almas. Com um mínimo de vontade, são inofensivos; não vão muito longe quando atentam alguém que pelo menos agradece pela comida ou não suja os pés nas misérias oferecidas em cada esquina. Em geral, sobra para as crianças. Inofensivas diante das influências, são como esponjas novas sobre a pia. Febre, pesadelos, falta de apetite, ataques de choro repentinos, medo excessivo, pirraça e outras coisas podem acontecer. Caso o pequeno tenha alguma sensibilidade, aí complica. O irmãozinho aparece no

espaço entre o fósforo e o ciúme, e temos uma dessas tragédias inexplicáveis que deixam os especialistas gaguejando no jornal das oito, enquanto tentam dar forma àquilo que é justamente a ausência total dela.

Minha presença aqui deve ser mais do que o suficiente para espantar o babaca.

Encara, encaro de volta.

Dudu puxa o cobertor para cima, apesar de estar suando. Perto da cama, encostado na parede, bem no fundo, está um violão esquecido entre a mochila e o patinete. Pego o instrumento e me sento na cama aos pés do garoto. Afino as cordas velhas devagar, demoro um pouco. Corda seis. Corda cinco. Corda quatro. Corda três. Corda dois. Corda um. Corda um. Corda um. Ameaço um acorde. Um livro cai no chão, a lâmpada pisca. Ameaço outro. A geladeira estala na cozinha. Decido tocar aquela que, como disse Renato Russo, é a *última música, do último lado, do último disco de Cazuza*. Um sinal ignorado, como quem se esconde no meio da rua.

Canto baixo e acerto as cordas sem força.

Tem gente que recebe de Deus quando canta.

A luta começa.

Tem gente que canta procurando Deus.

É mais forte do que eu pensava. A garganta seca, a cabeça dói. Eduardo faz cara de choro.

Quando eu estiver cantando.

Não se aproxime.

A mãe, estranha na moldura da porta, parece entender e recua.

O meu canto redime o meu lado mau.

Sinto vontade de quebrar o violão na cabeça do garoto. Resisto. Minhas mãos começam a ficar dormentes. Agora vejo a minha respiração e os resquícios da minha boca. Esfria, esfria e esfria. Não vou perder. Levanto. A porta fecha e o vejo de pé, no meio do caminho. *Não se aproxime.* Avanço. Avanço. Uma pontada de fome perfura o meu estômago, tanto que penso em morder a própria língua.

*Porque o meu canto é o que me mantém vivo.
É o que me mantém vivo!*

O encosto foge pela janela, e tenho certeza de que não vai voltar. Dudu respira fundo, encontra o sono. Vai acordar bem amanhã.

Cansado, digito o número da Jéssica no celular. Ela atende. Pergunto se quer sair para comer alguma coisa.

— *Agora?*

— É, agora.